

Marko Ivan Rupnik, S.J.

A Arte da Vida

O quotidiano na beleza



EDITORIAL A.O.

Título original

L'arte della vita – Il quotidiano nella bellezza

Marko Ivan Rupnik

© 2011 Lipa Srl, Roma

via Paolina, 25

00184 Roma

www.lipaonline.org

ISBN 978-88-89667-18-7

Prima edição: novembro 2011

Tradução

Mário José Galvão de Almeida

Na Capa

Bodas de Caná – A Mãe de Deus e o criado (pormenor)

Marko Rupnik / Centro Aletti

Capela da Pontifícia Faculdade de Ciências da Educação “Auxilium”

Roma (Itália) – Dezembro de 2003

Capa

Francisca Cardoso

Paginação

Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos

Empresa Diário do Minho, Lda.

Rua de Santa Margarida, 4

4710-306 Braga

Depósito Legal nº

????????????????

ISBN

978-972-39-0799-5

Outubro de 2015

Com todas as licenças necessárias

©

**SECRETARIADO NACIONAL
DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO**

Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRÁGA

Tel.: 253 689 440 * Fax: 253 689 441

www.apostoladodaoracao.pt/livros@snao.pt



Prefácio à Edição Portuguesa

A arte da vida

O que é que não pode acontecer à fé? Que esta se separe da vida, porque a fé cristã é uma experiência da vida nova.

O crente não persegue ideais mas torna-se manifestação de Deus, do seu amor pascal na sua humanidade, através da sua humanidade. A fé faz da nossa humanidade uma teofania. O Filho de Deus tingem-se das nossas cores. O crente não procura na sua vida espiritual ou moral a perfeição. A perfeição tem a ver com a forma, como nos ensina a arte clássica. Mas o crente caminha na direcção do seu cumprimento, que tem a ver com a comunhão e com o amor. E a realização plena do amor na história é o tríduo pascal, pelo que o cumprimento da fé é pascal. Discernir este cumprimento em nós e na história é a arte da contemplação. Esta colhe a transfiguração que acontece quando um princípio pessoal do amor penetra na matéria deste mundo, penetra a história, todos os acontecimentos. O nosso olhar sobre os acontecimentos que se sucedem, seja na nossa vida ou na vida do mundo, não é um olhar de simples análise, mas é antes um olhar que, partindo do cumprimento e à luz desse mesmo cumprimento, experimenta e colhe o sentido e o significado de tudo o que nos acontece. Um olhar litúrgico, lavado pela experiência do *éschaton*, é o olhar da fé que liberta e que nos leva a um conhecimento que se traduz na vida. Traz consigo o dom da vida. Ver dentro das coisas, dentro da história e descobrir uma outra história, descobrir um olhar com o qual nos sentimos unidos, esta é a via real da fé que é a via do símbolo. Não separar os

dois mundos, não indicar uma outra realidade, mas encontrar dentro daquilo que se vive e que está à nossa volta a abertura ao Reino. A unidade e a comunhão são sinónimos de ser redimidos e são a participação no Espírito Santo que é a vida como união e como amor.

Estes são alguns acenos daquilo que será aprofundado neste livro, que escrevi ao longo de muitos anos. Não pretende ser um livro exaustivo, mas antes um livro que abre seriamente algumas das questões que considero fundamentais e essenciais para recuperar uma visão íntegra e superar fracturas nas quais jaz a nossa consciência cristã de hoje: a teologia, ou melhor, as teologias vão por um lado, a pastoral apresenta-se como uma questão de metodologia separada do conteúdo; a espiritualidade como uma espécie de processo psico-cultural secularizado com devocionismos para satisfazer as exigências religiosas; a liturgia e a eclesiologia submetidas à gestão dos gostos subjectivos; a construção de igrejas como espelho de uma identidade perdida.

Quero colocar em evidência que para superar esta situação não ajudam os alinhamentos entre aqueles que querem o Cristianismo com uma forma secularizada aderente ao gosto das maiorias, nem aqueles que sonham com um Cristianismo para-estatal, imperial e dominante. É necessária a manifestação de uma vida nova, que exige uma inteligência nova e também que a cultura não seja simplesmente um produto do homem, mas tecida de sinergia divino-humana. Esta é a beleza, «a verdade revelada é o amor, o amor realizado é a beleza». A beleza requer um ímpeto criativo e a criatividade, em sentido teológico, é uma subida de nível da qualidade de vida, no sentido definitivo, isto é, retirar a vida à corrupção e dar-lhe o carácter definitivo. A verdadeira criatividade pertence só à Igreja que, com os seus sacramentos, transfigura a vida humana na vida divino-humana. A criatividade é, portanto, comunicar e revelar com a própria vida a verdade, isto é, dar corpo ao Logos e dar corpo ao Bem, ao Amor. Torna-

mo-nos belos quando somos a carne do Verdadeiro e do Bom. «A beleza é a carne do Verdadeiro e do Bom».

Uma Igreja sem beleza pode ser cosmética, porque procura agradar ao mundo, mas por fim desilude. Pode ser capaz, diligente, organizada, culturalmente ágil, academicamente preparada, mas nunca será atraente e não aliciará ninguém. Ninguém se apaixonará e ninguém se meterá a caminho na sua direcção.

Não escondo a alegria pela tradução deste livro em português. Já há muitos anos que a amizade me une a muitos portugueses, mas sobretudo o mosaico da basílica da Santíssima Trindade em Fátima faz-me sentir uma espécie de parente vosso, ó portugueses.

Marko Ivan Rupnik, S.J.

1

Educar e formar

À conversa com Boguljub

A moça já não aguenta mais. O mundo gira à sua volta. Procura pelo menos fitar os seus amigos. Mas, quanto mais tenta fixar neles o olhar, tanto mais eles se movem, riem e, sobretudo, rodopiam. Gritam-lhe algo. Tocam-lhe e empurram-na. Ainda consegue ver o rosto de uma das suas melhores amigas: ri descontroladamente e tem um ar transtornado. A moça sente um calor suave. O barulho, os gritos, a música começam a afastar-se como um eco horrível e maçador, e do tecto começa a escorrer, como quando o leite transborda, um líquido rosa arroxeadado, que se tinge de amarelo limão e depois goteja de encarnado, verde-claro, azul-celeste e alaranjado. Um verniz brilhante e denso, que pouco a pouco vai endurecendo, cobre-os a todos. A moça escorrega lentamente, até cair por terra. Mas ao seu redor os jovens continuam a dançar e a divertir-se. Vão-se depois embora e deixam-na ali mesmo onde ficou caída, estendida atrás de uma mesa, em cima de um banco. Algumas horas mais tarde, uma das empregadas que inicia o seu turno de limpezas dá com ela. Chama a ambulância, mas não sabe explicar quem é a moça nem o que terá acontecido. «Os amigos dela deixaram-na aqui...»; «os amigos dela...», repete desconcertada ao pousar o telefone. Carregam-na até à ambulância e levam-na rapidamente, sem nome e sem que ninguém se preocupe com ela.

Permanece internada durante uns vinte dias. Não são permitidas visitas aos seus amigos – apenas um ou outro SMS. Mas, logo

que teve alta, no fim-de-semana seguinte já estão de novo juntos para mais uma pândega. Um festim típico dos nossos dias. Os jovens – e mesmo os muito jovens – encontram-se e bebem, bebem imenso e misturam de tudo. Uma música violenta no volume máximo, um par de grandes ecrãs e também um pouco de droga, pelo menos para alguns.

Natália pensava em tudo isto, pois aquela moça – chamava-se Valentina – era sua vizinha. Conhecia os pais, sempre muito ocupados e numa contínua agitação para conseguirem manter-se à superfície num mundo de competição sem sentido.

Enquanto lhe vinham à mente estas imagens e sentia uma amargura quase física no coração, Natália subia a pé o último trecho de estrada em direcção ao mosteiro: havia muita neve, e a parte que ainda faltava era um caminho estreito. Continuava a nevar, e os monges esperavam que a neve deixasse de cair para limparem a estrada. Para dizer a verdade, ao abade agradava muito que a estrada ficasse naquele estado, pois assim rareavam as visitas e podia-se realmente apreciar o silêncio da neve. O mosteiro da Mãe de Deus era de facto conhecido como um precioso oásis de sabedoria e vigor espiritual, pelo que os visitantes eram muito numerosos.

Com um passo firme, a jovem mulher percorria os últimos metros que a separavam do portão. Natália era uma mulher ainda jovem, de coração sensível e suave. Tivera desde muito nova uma grande facilidade para estabelecer amizades. Onde quer que se encontrasse, acontecia-lhe vir a escutar as confidências de outros jovens, tanto raparigas como rapazes, sinal de que os seus pares a consideravam como uma pessoa digna de confiança. Depois de terminar os estudos, e precisamente sob a orientação espiritual do padre Boguljub, tinha começado a viver em conjunto com duas amigas, com quem partilhava a visão de fé e o estilo de vida. E as três acabaram comprometidas numa vocação comum de ajudar a quem busca descobrir a sua fé ou a procura viver com uma maior profundidade. Sem alaridos nem formalismos, com um estilo só-

brio, mas belo, tinham entretecido uma ampla rede de relações espirituais com as mais diversas pessoas.

Natália era filha do irmão do padre Basílio, o monge que era considerado por todos no mosteiro como o mais fiel e autêntico discípulo do grande Boguljub. Mas o tio, fiel a Boguljub, sempre se tinha recusado a guiar Natália espiritualmente. Não queria misturar o seu sacerdócio com a família. «O sacerdócio e os graus de parentesco não se devem nunca confundir. Ninguém é profeta em sua casa», dizia sempre Boguljub. «Quantos aborrecimentos acontecem na Igreja por causa dos parentes! Tantos problemas não resolvidos por causa de um celibato mal vivido, e depois uma comunhão fraterna que não existe e que se compensa com os sobrinhos e os parentes!».

O próprio Boguljub, um gigante da vida espiritual, afirmava que tinha confessado a mãe e o pai só uma vez, na semana entre a ordenação sacerdotal e a primeira Missa; mas depois nunca mais. E nunca tinha confessado nenhum outro familiar.

Por este motivo, o padre Basílio, que via em Natália uma rara genuinidade espiritual, não queria falar de assuntos espirituais nem com o irmão nem com a cunhada – e muito menos com Natália, a quem remetia para Boguljub.

Natália era especialista em neurocirurgia. Tinha quase quarenta anos. Era uma pessoa ágil e de compleição atlética. Por volta dos vinte anos de idade, tinha sido uma esquiadora de valor e vencera diversas competições importantes. Mas então, no ponto mais alto da carreira, tinha interrompido tudo para se dedicar aos estudos, dizendo que havia uma época para cada coisa, e que o seu tempo para o desporto de competição tinha chegado ao fim. Continuava a esquiar, mas agora apenas pelo gosto de o fazer. Por isso, a subida a toda a velocidade até ao mosteiro era um prazer para as suas pernas.

Desde há muitos anos que se vinha encontrar com o padre Boguljub. Algumas vezes para a confissão, outras vezes para uma

pequena conversa, outras ainda para uma breve visita. Boguljub sempre tinha tido por ela um carinho especial, desde quando ainda era pequena. Talvez também porque o monge tinha um fraco pelos desportistas, ao ponto de, apesar da sua idade, por vezes pedir ao abade para poder assistir a alguma prova de esqui na televisão.

Desta vez, Natália subia até ao mosteiro porque tinha de começar a preparar, juntamente com Boguljub, a escrita de um pequeno livro. Tinha vindo a insistir nisso desde há muito. Por fim, o idoso monge tinha cedido e o abade não apenas tinha dado a sua autorização, como tinha felicitado Natália por ter conseguido convencer o seu confrade.

Enquanto se aproximava da grande porta do mosteiro, Natália levava consigo os pensamentos a que estava afeiçoada e, com eles, as imagens cruas da vida da ainda muito jovem Valentina e dos seus amigos.

O padre Boguljub recebeu-a com simpatia. Dirigiram-se para a sala de visitas da hospedaria, que tinha uma grande janela que dava para a montanha e para o bosque situado nas traseiras do mosteiro. Diante deles abria-se a paisagem daquelas altas montanhas que, debaixo da neve, pareciam estar ao alcance da mão.

Boguljub apreciava imenso a neve. Sabendo que Natália também gostava muito dela, tinha pensado naquela divisão. Chegados à sala, que estava bem aquecida desde a manhã, o monge abriu a porta envidraçada que dava para a varanda. Uma pequena ponte, agora coberta de neve, conduzia até ao grande jardim nas traseiras do mosteiro. Boguljub subiu e Natália foi no seu encalço. Ao chegar mesmo à neve, já no jardim, parou. Com um movimento lento, próprio de um idoso, fez o gesto de alçar o capuz do hábito monástico. Natália foi de imediato em seu auxílio. Também ela tinha colocado sob a cabeça o capuz do seu blusão, de um vermelho vivo que sobressaía na alvura da neve.

«Deus santo e fiel, que ressuscitaste da morte o teu Filho unigénito Jesus Cristo, que enviaste dos céus por nós homens e pela nossa salvação, ajuda-nos a vencer sempre o mal», balbuciou Boguljub.

«Porque eterna é a tua misericórdia», respondera Natália.

«Fazes descer sobre nós estes macios flocos de neve...», continuava Boguljub.

«Porque eterna é a tua misericórdia», repetiu de novo Natália.

«Porque eterna é a tua ternura, ó Pai, para connosco, que fomos redimidos por teu Filho», acrescentou o monge. «Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo». «Como era no princípio, agora e sempre», concluiu Natália.

Nos filhos condensa-se o ar respirado pelos pais

«Agora, já podemos começar», disse Boguljub.

Contente com aquela novidade, num instante Natália tinha já nas suas mãos um pequeno gravador, último grito da tecnologia. Percorrendo mais uma vez os pensamentos a que dera atenção ao longo do caminho, e, como num filme, as imagens da jovem Valentina abandonada pelos amigos, embriagados ou drogados, num abismo de noites e de vertigens do abuso, começou: «Hoje, muitas pessoas questionam-se como é que poderão educar para a vida. O que fazer para formar os jovens, que parecem desligados de todos os valores e do mundo real?». Mas, já enquanto falava, sentia que não era aquilo que ela pretendia, que aquelas palavras não eram suas, nem sequer o modo como tinha feito a pergunta.

O padre Boguljub tinha dirigido o olhar para a neve que se estendia à sua frente e ficou em silêncio durante muito tempo. Era visível que atravessava a sua memória: no seu coração, mergulhava em tempos longínquos, em que consultava os santos Padres, em que assistia à conversa entre Santa Macrina e a sua santa avó, registada por Gregório de Nissa, em que se detinha para escutar

Índice

<i>Prefácio à Edição Portuguesa – “A arte da vida”</i>	5
1 – Educar e formar	9
À conversa com Boguljub	9
Nos filhos condensa-se o ar respirado pelos pais	13
Criatividade e visão	15
A partir do fim	17
Na praça de ouro do Apocalipse	21
Voltar a ir ter com os idosos	24
Večnaja pamjat’	26
Trata-se de uma iniciação	28
A vida e o seu sentido provêm do Sopro	29
A visão do éschaton garantida e participada	32
Divino e humano inseparáveis	35
Divino e humano unidos na liberdade	39
O símbolo, unidade de dois mundos	41
O olhar espiritual colhe a unidade da vida em comunhão	47
Saber viver como uma minoria	50
Observar os escondidos e escutar os silenciosos	55
2 – A imaginação	61
A imagem indispensável para a vida espiritual	61
A caminho do corpo espiritual com a imaginação espiritual	67
A imaginação tem necessidade de imagens reais	70
A tragédia de uma imaginação passional	75

A paixão	77
Uma aliança com os próprios olhos e os próprios ouvidos	79
A inteligência que acede ao espiritual	82
Os gémeos dos sentidos	84
A purificação dos sentidos	88
3 – Uma habitação segundo o homem novo	93
Do veneno ao remédio	93
O hábito que se estende	97
Plasmar de acordo com o amor	99
O espaço revela o lugar do coração	104
E o matrimónio, onde está?	107
O bem e o risco da ideologia	109
4 – A roupa	115
A roupa tem a ver com a identidade da pessoa	115
Revestidos de luz	116
A torcida apagada	118
O pudor	122
Vestir a carne segundo a carne	124
A alusão à glória perdida	125
Por detrás da moda	127
O vestuário fala	139
Pensar de acordo com a vida recebida	141
5 – A comida	149
A oração das refeições	149
Preparar e comer	153
À mesa pela porta da caridade	159
6 – O fracasso	165
As feridas queimam	165

O contraste da recordação	172
A oração da noite	175
7 – A conversão da mente à vida	179
A epiclese sobre a memória ferida	179
«O nosso pensamento está em consonância com a Eucaristia e a Eucaristia, por sua vez, confirma o nosso pensamento»	182
Pensar só com a razão	184
Inteligência psicossomática e inteligência espiritual	186
Segundo a inteligência espiritual	190
A unidade da inteligência e das mãos	193
O espaço do sagrado	197
A questão dos valores	200
<i>Índice</i>	213